

## **MULHERES LUSO-PERNAMBUCANAS NO BRASIL COLÔNIA: UMA ABORDAGEM INTRODUTÓRIA**

Denise Batista de Lira<sup>1</sup>  
Orientadora Professora Dr.<sup>a</sup> Suely Creusa Cordeiro de Almeida

### **Resumo**

O objetivo de Portugal após 1530 será o de povoar as terras brasileiras, por isso tratou de providenciar pessoas e de montar um sistema político. A população que aqui chegou, a princípio, era quase majoritariamente masculina e isso possibilitou o amancebamento entre brancos e a índias que resultaram numa prole diferenciada da metrópole. As escravas africanas que aqui também chegaram possibilitaram uma mestiçagem ainda maior. De tudo isso resultará a mulher brasileira. Como será então essa mulher e a sociedade em que vive? Pretendo responder a essa pergunta no desenvolvimento do meu trabalho.

**Palavras chaves: mulheres, sociedade, colônia.**

### **Abstract**

The Portugal objective after 1530 will be to populate in brazilian lands, for this to provide persons and ficed the politics system. The population that arrived here, origin was almost majorityli men's and this to make possible the wedding among white men's and Indian woman that result in the differentiate people to the metropolis.

The African woman slanes that too anined here permit the mixture bigger. After all this will be result the brazilian woman. How will be than that woman and the her society live? I'm intend answer the question on the development of the my to work on.

**Words keys: women, society, clony.**

O objetivo de Portugal após 1530 será o de povoar as terras brasileiras, por isso tratou de providenciar pessoas e de aperfeiçoar o sistema de organização política da sua colônia (em 1549, temos o primeiro governador-geral, Tomé de Sousa), visto que o vigente, as Capitánias Hereditárias e os seus donatários, já haviam mostrado os encaminhamentos necessários para a implantação de uma Administração Colonial mais abrangente.

A respeito dos colonos que aqui chegaram, sabemos que muitos vieram acompanhados por mulheres, mas quanto a sua exatidão numérica, não temos certeza. O que foi encontrado são as cartas de clérigos, como Nóbrega, que escrever a D. João III solicitando o envio de mulheres brancas, pois sua presença era tão ínfima que os lusos-brasileiros recorriam às

---

<sup>1</sup> Denise Batista de Lira, aluna graduando do curso de Licenciatura em História da UFRPE.

mulheres da terra, e com elas viviam em pecado (nem todos contraíram matrimônio com elas). Mesmo com essa e outras petições, vieram um número resumido de órfãos e degredadas (lê-se prostitutas e penitenciadas pela justiça eclesiástica e civil) muitas das quais retornaram mais tarde para a metrópole, pouco contribuindo para o povoamento da terra.

A justiça eclesiástica e a civil não viam o assunto sobre o mesmo ângulo, tanto que muitas mamelucas eram casadas com os homens principais da capitania, em especial a de Pernambuco, e quanto às bastardas, eram reconhecidas mais tarde para receberem parte da herança paterna. A presença da mulata da terra também será constante nos lares mais simples, como administradas, ou seja, como aquela(s) que precisa(m) de orientação e cuidados, pois a escravidão indígena propriamente dita e de seus descendentes será proibida, contudo isso não impede de tê-las como peças, heranças ou dotes valiosos.<sup>2</sup>

A prática de encorajar uniões ou até mesmo forçar as administradas a casarem com escravos da casa era bem presente na colônia, pois dessa forma o(s) administrador (es) acreditava(m) que assim as administradas criariam um vínculo maior ao ambiente em que vivia(m) e também essas uniões provavelmente gerariam crianças que ficariam sob a guarda do senhor em caso de “saída” das mesmas sem autorização dos órgãos competentes da época, principalmente porque existia uma grande preocupação de como sobreviveriam tais índias longe das famílias responsáveis por elas. Provavelmente procurariam abrigo nos aldeamentos dos jesuítas ou seriam mulheres da vida. Devido a todos esses fatos (a miscigenação forçada e a administração como escravatura) resolveu-se em 1755 criar uma lei que abolia por fim a administração. Entretanto, essa lei não foi seguida com fidelidade.

As africanas forras ou escravas, também sofriam pressões de seus senhores. Casavam-se com outros escravos ou tinha encontro sexual com os brancos, onde a prole gerada vivia como escravos, e quando conseguia alcançar algo, era após a morte do pai branco, que algumas vezes concedia a liberdade para os seus bastardos. Os encontros amorosos podiam ocorrer em duas situações: uma em que a escrava consentia em se “amigar” como o seu senhor, a fim de obter privilégios; outra, quando era forçada a unir-se ao seu senhor, temendo represálias. Como o escravo era considerado propriedade do seu senhor, pouco adiantava tentar resistir ou apelar para as autoridades locais e da metrópole. Entretanto a exceções, consta-se de escravas que violentadas repetidamente, resistiram aos seus senhores, sofrendo

---

<sup>2</sup> (SILVA, 2000: 32-34);

arduamente por isso, chegando tal fato ao conhecimento da Coroa, que obrigou seu dono a desfazer-se dela, aplicando-lhe um preço justo para que outro a comprasse, e assim foi feito.<sup>3</sup>

As pardas e brancas pobres também sofriam agressões por parte dos homens, como eram desfloradas, estupradas, espancadas ou assediadas sexualmente, com quase nenhuma consequência para o infrator. Viviam da forma que podiam, prestando serviços aqui e acolá, muitas se envolviam com a prostituição, adivinhações, curas, feitiçarias etc., ou esperavam algum auxílio das Casas de Misericórdia a fim de obterem um dote e conseqüentemente um casamento. Porém, a grande maioria tentava ganhar a vida de alguma forma e desde cedo contribuía para o sustento da família, principalmente nos casos de falecimento da figura masculina, principal provedor do lar. Essas mesmas mulheres e jovens mulheres tinham princípios diferenciados das mulheres brancas da elite, pois não eram tão vigiadas quanto a seguir fielmente aos bons costumes, nem eram tão cobradas quanto o casamento, muitas se satisfaziam em amancebasse com os seus amados, visto que realizar a cerimônia religiosa nem sempre era possível.<sup>4</sup>

As brancas ricas viviam em melhores condições que as demais mulheres, não só pelo dinheiro em si, que lhes possibilitavam uma vida confortável e um bom casamento com homens afortunados, mas também por possuírem mais proteção quanto aos procedimentos necessários caso seu cônjuge gastasse sua fortuna inadequadamente, ou se o mesmo falecesse e o controle da herança sua e de seus filhos lhe coubesse. Em caso de ausência devido à viagem, muitas donas assumiam a administração dos bens, obtendo respeito (ou impondo) das demais classes e dos homens nobres.

Mesmo com tal independência, as mulheres brancas ricas não deixavam de estar à mercê dos parentes masculinos, pois podiam ser enclausuradas pelo simples fato de não possuir no lugar onde habitava algum pretendente de igual ou superior fortuna. Outra forma de enclausuramento poderia ser pela acusação de adultério, quando o companheiro poderia até matá-la, sem precisar pagar pelo crime cometido caso realmente a traição feminina fosse confirmada. A esposa apontada como adúltera teria seus bens confiscados e eles permaneceriam em posse da vítima, ou seja, o marido traído, tendo o mesmo apenas a obrigação de mantê-la (dar um dote a Casa onde permaneceria o resto dos seus dias ou até obter perdão) caso optasse por confiná-la em algum recolhimento. É claro que existiam casos em que a reclusão nos recolhimentos ocorria por vontade própria, muitas vezes isso se sucedia

---

<sup>3</sup> (SILVA, 1995:220-221);

<sup>4</sup> (ABREU, 2004:302-311);

logo após a morte dos pais, ou depois de um casamento mal sucedido e desfeito, ou até mesmo devido à chegada da velhice.<sup>5</sup>

Outra função dos recolhimentos eram servir como conventos para as mulheres que desejavam ser esposas de Cristo, ou para jovens que perderam sua virgindade, ou engravidaram, ou fugiram de casa, ou casaram sem o consentimento dos responsáveis, ou para a preparação de futuras donas para o casamento e até mesmo para mulheres que vendiam seus corpos para sobreviver e viram nas ditas clausuras outra forma de viver.<sup>6</sup>

Havia quem resistisse ir para recolhimentos, ou que fugiam de lá. Aliás, a história da mulher no Brasil Colônia e pautada de regras e de lutas contra essas regras. De lutas contra a opressão masculina, sua imposição e também contra os valores pregados pela igreja. Fato comum ocorrendo dentro e fora dos recolhimentos será o homossexualismo feminino, visto por historiadores como Ronaldo Vainfas como forma de resistência às agressões masculinas, as normas da Igreja, a falta de amor e afagos nos lares heterossexuais. No entanto a própria Igreja dava tratamento diferenciado à homossexualidade feminina, visto não haver penetração, mas apenas o ajuntamento do vaso dianteiro. Os homens sim, esses possuíam o símbolo do poderio, o órgão capaz de cometer o ato penetrante, portanto os únicos aptos a viver a homossexualidade.<sup>7</sup>

As mulheres do Brasil colônia apesar de viverem enclausuradas em suas casas, e das poucas exposições em público (refiro-me às donas, pois as plebéias e escravas estavam em outra realidade), elas costumavam ir às missas, visitar parentes, festejar dias como a Páscoa, Natal, nascimentos e casamentos. Além das festas como Entrudo (nosso Carnaval) ou as missas noturnas, quando se permitia maior liberdade, e onde senhoras pobres e ricas tinham comportamento diferenciado do cotidiano. Estas mesmas festas e missas chegaram a serem proibidas devido a reclamações dos maridos e pais, assim como dos próprios clérigos.

Quando as pardas e escravas, seu conceito de moral era bem diferente, e sua exposição constante, principalmente porque sobreviviam de seus trabalhos, sejam eles de costuras, vendas, lavagem, agricultura, feitiçarias, prostituição etc. As brancas exerciam trabalhos, porém eles não necessitavam que estivessem a percorrer as ruas ou a abrir suas casas a visitas, visto que sua atividade principal era coordenar os escravos, mantendo a organização e

---

<sup>5</sup> (ALMEIDA, 2005: 92-95);

<sup>6</sup> (ALMEIDA, 2005: 242)

<sup>7</sup> (VAINFAS, 2007: 119-123)

suprimentos da residência, além de educar os filhos e servir ao esposo. Como já foi citado podiam envolver-se em questões financeiras, mas só quando necessário.<sup>8</sup>

Com a chegada da Corte ao Rio de Janeiro, e todos os seus novos costumes, tornara a presença feminina mais constante, principalmente no teatro e bailes, porém isso ocorrerá com mais frequência no sudeste do Brasil que se tornará a ser o centro da colônia, desviando os olhares do Nordeste do país. A abertura dos portos será outro fator que permitirá o encontro com novas culturas, com as modas européias, e isso possibilitará que a sociedade colonial sofra algumas modificações.

A família brasileira também passará por mudanças, reorganizadora das vivências familiares e domésticas, do tempo e das atividades femininas e do amor e relacionamentos. As ruas passam a ser lugares de vivências públicas e as casas se readaptam para dar mais privacidades aos seus moradores, é o espaço exclusivo para o homem, sua esposa e filhos. Há novamente a idealização da família e em especial da figura feminina. A revalorização da maternidade, a mulher novamente como ser reprodutor (mas sempre dentro do matrimônio).

A maternidade sempre foi algo preocupante para autoridades civis e eclesiásticas, visto o crescente número de mulheres férteis na colônia e o crescente número de bebês abandonados pelas ruas e casas de figuras importantes na administração do Brasil. É a partir daí que teremos o surgimento da roda, ligada diretamente as Santas Casas de Misericórdia. Esses hospitais, a princípio eclesiásticos e depois públicos terão o apoio das autoridades locais, e a roda (local onde colocam as crianças desprezadas) tornou parte integrante deles.

Enjeitar um bebê poderia ter vários sentidos, para a classe rica poderia ser livrasse de uma prova que lhe fosse inconveniente ao um futuro casamento ou fonte de uma separação (para as jovens a perda total de sua virgindade e para as casadas a comprovação do adultério ou prostituição no caso das viúvas). Os abandonados também poderiam ser filhos de escravos desejando dar liberdade aos seus filhos, ou de pobres impossibilitados de criá-los. Em fim isso era uma realidade na colônia, e muitos a ver como outra forma de resistência feminina as normas do seu tempo.<sup>9</sup>

A mulher desse período independente da cor, nação ou classe social era vista como a origem de todos os males, as portas do inferno. As mulheres eram tão discriminadas pela sociedade masculina que a própria medicina desconhecia o corpo feminino e tudo era atribuído a demônios que viviam em seus corpos fazendo-as padecer cólicas, dores do parto,

---

<sup>8</sup> (MELLO, 1996: 119-121; 131-132);

<sup>9</sup> (VENÂNCIO, 2007: 192-194);

menstruação etc. Conforme a visão de João de Barros <sup>10</sup> as mulheres eram extremamente frágeis, choronas, apaixonadas, falantes e pouco prudentes, por isso deveriam ser em tudo submissa ao seu pai, tio, irmão ou marido e viverem com modesta e simplicidade no falar, vestir e mostra-se em público. Deveriam ser ponderadas nos gastos, sem vícios e ociosidade, sua vida deveria ser dedicada a família, pois a mulher era responsável pelos primeiros anos de vida dos seus filhos, que logo seriam entregues a tutelar do pai.

E quanto às mulheres do sertão, como viviam? Estavam sob o mesmo jugo que o sexo feminino enfrentava nas cidades? A vida nos sertões era (ou ainda é) dura. As mais abastadas possuíam escravos, jóias, boas roupas, casas nas cidades, em fim todo o conforto que a riqueza pudesse oferecer, entretanto também estava submetida às figuras masculinas, que a tudo controlavam. O sertão não era mais democrático que as cidades quanto ao sexo ou classe social, o patriarcalismo era o que vigorava. Aos homens era dado o direito das letras e até o título de doutor devido ao curso de direito, as mulheres, mesmo as mais ricas poucas sabiam ler e muitas apenas sabiam escrever o suficiente para assinar algum documento. Não muito diferente do que ocorria na capital (lê-se Recife e Olinda, apesar de apenas uma delas ser a dita capital).

As escravas e livres, ao contrário das brancas de boas famílias, precisavam trabalhar para obter o sustento, passavam a executar tarefas a partir de 5 a 6 anos, tanto nas roças, quantos os domésticos e podiam ser compartilhadas por membros da mesma família em caso de falecimento do seu real dono. Entretanto apenas dois ou três ricos da região possuíam um grande número de escravos, que eram de diversas nacionalidades, trazendo consigo suas diversas culturais. Geralmente esses escravos eram adquiridos nas cidades mais próximas. Entretanto não podemos esquecer que além dos escravos negros, a princípio a mão de obra era indígena, o que possibilitou na região o encontro dessas culturas e sua miscigenação, assim como ocorreu em outras partes do Brasil. <sup>11</sup>

Um temor comum a toda classe feminina independente da região em que vivia era com certeza a velhice. Dependente economicamente dos parentes masculinos mais próximos ou dos escravos que possuíam para a execução do trabalho, pois não possuíam capacidade para fazê-lo, ou até mesmo seria humilhante tentar fazê-lo (isso para as brancas que um dia haviam sido abastadas), muitas ganharam da Coroa o direito de esmolar, ou de algum senhor o favor de plantar uma pequena parte de suas terras a fim de obter o mínimo possível para sua

---

<sup>10</sup> BARROS, apud ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. *O Sexo Devoto: normatização e resistência feminina no Império Português XVI-XVIII*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2005. p. 374.

<sup>11</sup> (FALCI, 2007: 241-250);

sobrevivência. Também conseguiam ser recebidas em algum recolhimento. As mulheres da “classe média” que tinha sido filhas, ou esposas ou mães de funcionários reais, frequentemente recorriam a Coroa a fim de perpetuar na família o cargo obtido pelo falecido. Muitas famílias ofereciam desse cargo real como dote, a fim que dessa forma ou a filha conseguisse um casamento razoável, ou o filho se apresentasse como um bom partido. Tanto ele quanto ela seriam responsáveis pelo sustento do restante da família, principalmente se constituída apenas por mulheres. Quando as mais abastadas prometiam bens aos familiares que delas cuidassem.

Quanto à questão familiar um costume comum na colônia foi o envolvimento de mulheres casadas, viúvas e solteiras com clérigos, e mesmo sendo transgressoras das normas instituídas eram respeitadas, como o caso de Ana Bezerra concubina do Cônego e que sendo rica procurava auxiliar a muitos a fim de obter o silêncio, o apoio, e aliados para ajudá-la caso fosse necessário (troca de favores ou pagamento por eles). Mulheres pobres também se relacionavam com eclesiásticos, talvez até mesmo por falta de pretendentes ou necessidade qualquer, é claro que o sentimento carnal deveria estar presente em muitos deles. Desse ajuntamento geralmente resultará uma prole, que tanto poderia ser assumida imediatamente, posteriormente ou nunca assumida. O reconhecimento posterior era comum estar associado à velhice ou doença do genitor, pois esse com consciência pesada ou penalizado da situação de seus filhos resolvia assumir perante a Coroa sua paternidade e repassar os seus bens para eles.<sup>12</sup>

Os concubinatos e os encontros sexuais tornaram-se tão comum ao ponto da Igreja só autorizar que padre fossem confessores após os 40 anos de idade, a fim de impedir a imaturidade e juventude leva-se os eclesiásticos ao pecado. Vimos isso principalmente nos recolhimentos, onde várias moças tiveram relacionamento com os seus padres confessores ou os que por ali passavam.

O sexo feminino era oprimido, mas também era um lutador e por vezes vencedor. Aprisionadas em recolhimentos, fugiam. Obrigadas a casar com um homem de sua classe, resistiam e forçavam raptos e encontros sexuais a fim de obrigar sua família à aceitar o seu amor escolhido. Pregações sobre a vaidade e os gastos excessivos serviam como conselhos para que gastasse mais. Casar virgem? Muitas se entregavam aos homens que amavam e deles tinha(m) filho(s). Prostituição, lascívia, homossexualismo, adultério, tudo isso era proibido, mas praticado, seja ele para a própria sobrevivência ou para encontrar prazeres desconhecido

---

<sup>12</sup> (SILVA, 1998:120-125)

no tradicional lar cristão. A medicina renegava o corpo feminino? Elas (as parteiras e “bruxas”) se envolviam e tentavam solucionar a sua maneira. Esse sexo não tão frágil, ora parecia se submeter sem questionamentos, ora parecia a tudo questionar ou resistir. Essa parece ser a história das mulheres no Brasil.

Como podemos perceber, as mulheres no Brasil Colônia, em especial as pernambucanas, esforçavam-se por mudanças e resistiam aos costumes embutidos. Trabalhavam e assumiam administrações e casas, adulteravam, festejavam, casavam, optavam pela vida de freira, etc., mas, sobretudo impunham novos limites para o seu tempo. Não aceitavam caladas, denunciavam os maridos, os clérigos. As autoridades, mesmo que não fossem ouvidas, não deixavam de falar. Portanto, não devemos aceitar a figura da mulher submissa, sem face, sem rosto, sem voz, mas uma figura dinâmica que lutou e alcançou vitórias, e mesmo quando derrotada, voltava a lutar, a espera de conquistar o seu alvo.<sup>13</sup>

## **Bibliografia**

ABREU, Martha. Menina Perdidas. In: PRIORE, Mary Del (org.) *A História da Criança no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 289-313.

ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. *O Sexo Devoto: normatização e resistência feminina no Império Português XVI – XVII*, Recife, Editora Universitária da UFPE. 2005.

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In. PRIORE, Mary Del (org.). *A História das Mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p.45-77.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do Sertão Nordestino. In. PRIORE, Mary Del (org.). *A História das Mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p.241-277.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

\_\_\_\_\_. *Sobrados e Mocambos: Introdução à história da sociedade patriarcal*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

<sup>13</sup> (ALMEIDA, 2005: 335-340).

PRIORE, Mary Del. Magia e Medicina na Colônia. In. PRIORE, Mary Del (org.). *A História das Mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 78-114.

MELLO, José Antônio Gonçalves de. *Gente da Nação*, Recife, Fundação Joaquim Nabuco. 1987.

\_\_\_\_\_. *Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil: Confissões de Pernambuco, 1594-1595*. Recife. Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1970.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Brasil: Colonização e Escravidão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

\_\_\_\_\_. *Donas e Plebéias na Sociedade Colonial*. Rio de Janeiro: Estampa. 1995.

\_\_\_\_\_. *História da Família no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

VAINFAS, Ronaldo. Homoerotismo feminino e o Santo Ofício. . In. PRIORE, Mary Del (org.). *A História das Mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p.115-140.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Maternidade negada. In. PRIORE, Mary Del (org.). *A História das Mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 189-222.